

UMA EPIDEMIA EM 1811

(CAPÍTULO DE HISTÓRIA DO CONCELHO DE MIRANDA DO CORVO)

POR

BELISÁRIO PIMENTA



LIVRARIA ACADÉMICA
MOURA MARQUES & FILHO
19, Largo de Miguel Bombarda, 25
COIMBRA

RC
MNCT
616
PIM

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PHYSICS DEPARTMENT

PHYSICS 309

PHYSICS 309

Ao ^{lmo} Sr. Dr. Augusto
 Cesar Arijó, homenagem
 afecbosa de

Beltriano D. Almeida

Olinda, 11 de Março 1851.

UMA EPIDEMIA EM 1811

Separata da «COIMBRA MÉDICA» — vol. IX, n.º 10 — Dezembro, 1942

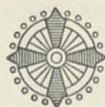
Composto e impresso nas Oficinas da «Coimbra Editora, Lím.»

UMA EPIDEMIA EM 1811

(CAPÍTULO DE HISTÓRIA DO CONCELHO DE MIRANDA DO CORVO)

POR

BELISÁRIO PIMENTA



CENTRO ESCOLA VIVA
ROMULO DE CARVALHO

PC
MNCI
616
PIM

LIVRARIA ACADÉMICA
MOURA MARQUES & FILHO
19, Largo de Miguel Bombarda, 25
COIMBRA

UMA EPIDEMIA EM 1811

(CAPÍTULO DE HISTÓRIA DO CONCELHO DE MIRANDA DO CORVO)

«Trouxe tôdas estas miudezas . . .»

DIOGO DE COUTO: *Soldado prático*, 2.^a Parte, cêna v.

Quando o exército de Massena, depois de abandonar as posições do Ribatejo e de Tôrres, seguiu para a Beira-Alta, atravessou, em Março de 1811, o concelho de Miranda do Côrvo, de lado a lado, na direcção da Ponte da Mucela, debaixo de forte pressão das fôrças ânglo-lusas.

A parte principal do exército entrou pela estrada que, de Condeixa, segue pela freguesia de Lamas e leva à vila cabeça do concelho; a outra, um só corpo de exército, entrou pela velha «estrada real» que de Tomar dava comunicação para a Beira e Trás-os-Montes.

A campanha que durava desde Outubro do ano anterior, foi duramente assinalada por devastações sem número e violenta mortandade; de modo que o pavor espalhou-se por tôda a Estremadura superior de tal forma que, quando se soube que as tropas napoleónicas vinham açodadas em busca de novas e mais seguras posições, a população das terras a sul de Coimbra abandonou as suas casas e deixou uma zona, ao longo das estradas de marcha, quási deserta e sem recursos (1).

(1) Deixei historiada, com certa minúcia, esta passagem do exército francês por Miranda do Côrvo, no meu trabalho *A campanha de Massena em Portugal (capítulo duma monografia local)* na «Revista Militar», vol. 83, n.º 1 a 4.

Parte dos fugitivos acoitou se nas serras do sul, exposta às agruras do tempo invernoso que então fazia; mas a maior parte veio para Coimbra, atraída pela segurança relativa que lhe daria o Mondego (então guardado e vigiado pelos milicianos de Trant e Wilson) e cuja enchente caudalosa constituía, no momento, obstáculo de respeito.

Sòmente os inválidos ou os mais apegados, por caturrice, às suas casinholas, é que ficaram à mercê da boa ou má disposição da soldadesca; o mais, tudo largou para locais supostamente seguros onde, ainda assim, em muitos dêles, as partidas de forrageadores, os foram encontrar na ânsia humana e urgente de procurar que comer, ou as patrulhas em simples explorações tácticas do terreno.

Mas o abandono das terras fez-se com precipitação; a fuga, como sempre acontece em casos semelhantes, tem o seu quê de catástrofe; e se, nas serras do Sul ou até nas pequenas elevações a Norte, a falta de abrigos, o frio e a chuva dizimaram muita gente, em Coimbra, pejada de fugitivos de tôda a parte, as doenças grassavam com fôrça sem que houvesse meio de as tratar e muito menos de combater o seu alastramento. A acumulação de refugiados foi extraordinária e as autoridades viram-se impotentes para deter a onda.

Depois de os últimos ecos dos combates desaparecerem, e, com a certeza de que os invasores já iam longe e em condições de não voltarem, pelo menos tão cêdo, os povos começaram a regressar às suas terras e a verificar o estado de ruína dos seus heveres ⁽¹⁾ e assim a vida no concelho de Miranda do Côrvo foi voltando, aos poucos, à sua quási normalidade.

Cêrca de 200 mortos, no concelho, por violência, deu o balanço feito pelos párocos das três freguesias ⁽²⁾; em Coimbra durante a fuga, morreram alguns fugitivos por doenças; mas todos os sofrimentos poderiam ir esquecendo, se outro mal não surgisse, logo que as populações reentraram nos seus lares.

(1) Em 14 para 15 é que se deu a maior aglomeração de tropas no concelho; em 16 para 17 é natural que só as rectaguardas aliadas atravessassem a região. Ver o meu trabalho citado.

(2) Na época, as freguesias do concelho eram: a do Salvador, na vila; e as duas anexas de Lamas e Campelo (esta hoje no concelho de Figueiró dos Vinhos).

Esse mal era uma epidemia que veio naturalmente, em consequência do contágio adquirido em Coimbra, na aglomeração promiscua de tanto desgraçado fugido.

Pelo exame dos livros de óbitos, o mal apareceu na freguesia de Lamas, freguesia que deu o maior contingente de refugiados na cidade universitária⁽¹⁾; aí começou o contágio a dar sinal e dali seguiu o seu caminho, alastrando pela zona alta da paróquia para depois descer à de Miranda por trajectória difícil de determinar embora se descubra mais ou menos o seu primeiro ímpeto.

Que epidemia seria ou que epidemias juntas iam devastar a população do concelho?

Não encontrei elementos que sirvam de base à indicação, ao menos aproximada, da qualidade do flagélo; viria de Coimbra, trazido pelos habitantes ou seriam os exércitos que o deixariam pelos lugares e aldeias na sua marcha apressada?

O vice-reitor da Universidade, em documento oficial explicou que os refugiados na cidade espalharam pelos arredores o «contágio que a cidade tem sofrido», contágio que a imundície da mesma e a multidão de corpos mortos pelas terras e estradas, provocaram e ampliaram consideravelmente⁽²⁾. E era natural que assim fôsse, isto é, que os mirandenses, ao recolherem a casa, levassem a doença consigo; mas também é natural que as tropas arrastassem doenças predilectas dos exércitos como o tabardilho, o tifo ou a desinteira⁽³⁾ ou ainda houvesse enquinamento de águas devido a podridões que se não evitaram a tempo

(1) Durante o mês de Março, em Coimbra, morreram 13 habitantes da freguesia de Lamas, decerto resultado das doenças derivadas da acumulação de gente e do mau tempo.

(2) Ofício para o Juiz de fora e Presidente da Câmara de Coimbra, datado aos 26 de Junho de 1911 (*Livro de registo de 1804-1817*, a fls. 275-277 v.º, tomo 59 do Arquivo da Câmara). É dêste ofício a seguinte frase referente a Coimbra: «se viu inundada de miseráveis expatriados pobres, imundos, sem provisões, sem socórrros, dormindo pelas ruas. aumentando nelas as imundices que as tropas tinham já deixado (?) nas mesmas, etc.».

(3) «O tabardilho, a pior, talvez das contagiões, teve outrora o nome justificado de tifo dos exércitos que entre nós, na guerra peninsular, fez terríveis devastações». (RICARDO JORGE: *A guerra bacteriológica*, no «Diário de Notícias» de 14 de Janeiro de 1935).

como aconteceu com os 500 animais de carga que Ney mandou inutilizar nos aros da vila de Miranda, possivelmente no Campinho e que foram, depois, pelos aliados, enterrados à pressa e mal — e de tal modo que, mês depois, a Câmara viu-se obrigada a enterra-los melhor porque os cães os foram descobrir (1).

O certo é que, logo na segunda quinzena de Março, ainda debaixo da impressão da tormenta, os primeiros rebates deram-se nos lugares de Lamas e Chão de Lamas onde passava a principal estrada de marcha da retirada; deram-se mais para o Sul, na aldeia afidalgada de Pousafoles; e ainda no lugarejo de Urselhe, na encosta da ribeira do mesmo nome — zona relativamente pequena onde se registaram 15 óbitos num período em que, nos últimos dois anos, o obituário da freguesia nada acusa.

Foi daqui, pois, a fazer-se juízo pelos livros paroquiais, que parece o contágio partiu ou de onde foi, pelo menos, intensificar o alastramento no resto do concelho.

* * *

Ora como é que, no concelho, se poderia bater a doença ou as doenças que surgiram e ameaçavam «a espécie humana» como dizia, com muita retórica, o vice-reitor da Universidade em documento oficial?

Superiormente, deve dizer-se, pensava-se nisso há algum tempo. Ainda as tropas andavam pela região, já se assentava em Lisboa que «o calor humido da Primavera desenvolve com actividade a putrefacção: e por tôda a parte a que se estendeu a devastação da Guerra se sentem mais ou menos os princípios de uma epidemia» e se aconselhava a criação de hospitais como

(1) Ver o «Termo de correição» de 22 de Abril, no meu opúsculo *O Arquivo Municipal de Miranda do Côrvo — II: Subsídios para a história das invasões francesas*, a pág. 124. Em Foz do Arouce deu-se, também, mortandade de animais conforme informou para a Intendência o Juiz de fora de Coimbra que providenciou no sentido do seu enterramento (Ofício de 8 de Abril, da Intendência Geral de Polícia, a fls. 35-35 v.º do *Livro XII das Contas para as diferentes secretarias do Estado* no Arquivo Nacional de Torre do Tombo).

«o lugar mais próprio» para o combate dos malefícios (1). E algumas providências se deram principalmente nas regiões ao Norte de Tórres onde havia claros rebates do mal.

Mas, no concelho de Miranda do Côrvo, pouco haveria estabelecido; a invasão, em Outubro do ano anterior, foi quasi surpresa; e de então até Março, as constantes marchas e contra-marchas de tropas inimigas, não dariam ensejo a qualquer disposição salutar; e a depressão de ânimo das populações não levaria a outra solução mais eficaz que a esperança nos favores da Providência.

Um documento oficial exprime, até certo ponto, esta depressão de ânimo: «Famílias que se virão em consequência dela (a invasão) reduzidas a um estado de pobreza — jornadas feitas em uma estação chuvosa — falta de alimentos — falta de asseio e, por consequência milhares de pessoas experimentando tôdas as causas que produzem a melancolia, se viram necessariamente expostas a um geral abatimento de espírito» (2). É natural, pois, que as possíveis providências se ressentissem dêste estado de depressão moral bem fácil de calcular.

O concelho tinha, na sua sede, um partido médico criado no século XVII (3), exercido ao tempo e desde Outubro de 1606 pelo bacharel formado Manuel Francisco de Passos (4).

Este médico, minhoto de Monção, concluíra o curso em 1804. Era, portanto, novo; mas talvez por doença de que há sinais em documentos anteriores à epidemia, ou por temperamento, não fazia grande caso das obrigações a ponto de a Câmara, que lhe aumentou os honorários em cerca de 50 0/0, ter de chamar, depois, a atenção para os seus deveres. Embora, de maneira geral, as

(1) Offício da Intendência Geral de Polícia, de 18 de Março de 1911 a fls. 2 v.º-3 do *Livro XII das Contas* supra citado.

(2) Offício da Intendência datado de 30 de Março (*Livro XII das Contas* sup. cit., a fls. 17-21).

(3) Resultado de consulta no Desembargo do Paço de 6 de Março de 1684 e resolução real do dia imediato, saú o alvará de 20 do mesmo mês que criou o partido médico com 20:000 réis de ordenado (*Chancelaria de Afonso VI*, livro 54, fls. 249, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo).

(4) Ver o meu artigo *Subsídios para a história dos partidos médicos em Portugal. O Partido Médico em Miranda do Côrvo*, no vol. VIII da nova série (1917) dos *Arquivos de História da Medicina Portuguesa* a pág. 6-8.

Câmaras de Miranda não tivessem as melhores relações com os médicos parece, contudo, que êste não teria grande preocupação com as desgraças dos outros, demais a mais atacado como foi pelo contágio de que, em fins de Maio (1) ia morrendo e de que ficou ainda mais combalido até à morte em 1813 (2).

Devia ainda andar pela freguesia um rapaz formado recentemente em medicina, João Fernandes Leal, do lugar do Cardeal, na Serrinha; pertencera ao batalhão académico que se bateu contra os Franceses (3) e no concelho, enquanto não foi exercer clínica para fora, ficou conhecido pelas suas aventuras amorosas (4).

Havia, também, na vila, dois cirurgiões sem partido oficial (5). O velho Manuel Lopes, o mais antigo, fôra morto pelos soldados franceses de Conroux, em 25 de Dezembro anterior; teria os seus 80 anos e exercera, desde novo, a profissão no concelho. O outro era um certo Francisco José dos Reis, cirurgião «aprovado», pessoa de certa preponderância na terra e que veio a estabilizar a sua vida em carcereiro ou, mais elegantemente, em *alcaide* como se dizia ao tempo; parece que a cirurgia não seria a sua principal preocupação e, como tal, não deixou sinais sensíveis.

E no lugar de Espinho, da freguesia da matriz, residia um outro cirurgião Salvador Fernandes da Paz, homem activo, que exerceu vários cargos no concelho e foi, daí a anos, «ajudante de cirurgia» das milícias da Lousã e veio a ser, mais tarde, o primeiro cirurgião do partido da vila.

Havia, também, um partido de boticário, com cêrca de um

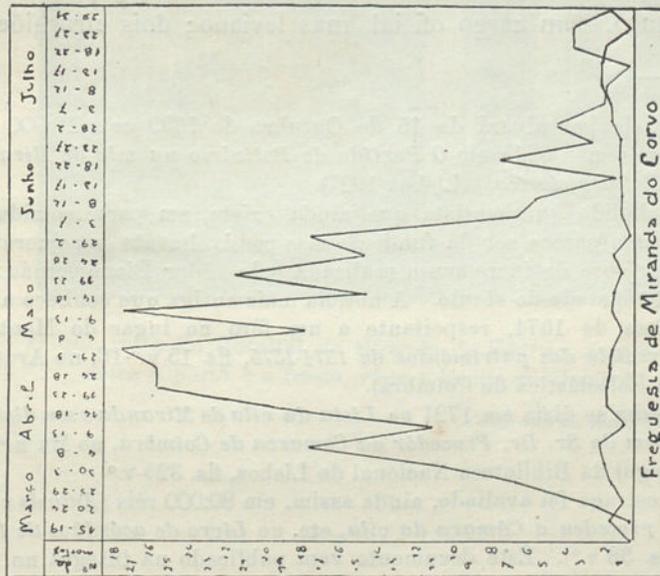
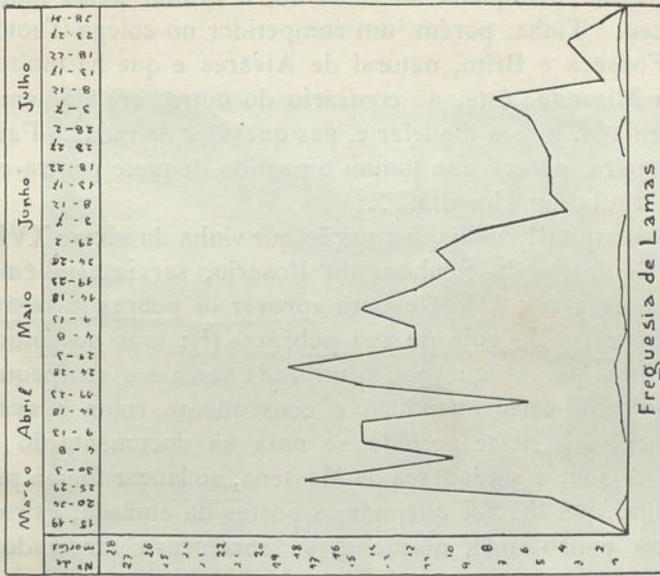
(1) Chegou a casar in articulo mortis com uma rapariga com quem vivia (*Livro de registo de casamentos de 1776-1831*, a fls. 170 v.º).

(2) Morreu «com o sacramento de extrema unção tão sòmente por não poder receber mais» em 7 de Fevereiro (*Livro de óbitos de 1756-1819*, a fls. 319).

(3) *Livro para o alistamento do corpo Académico*, fls. 14 (Ms. do Cartório da Universidade). Vide F. B. Barreiros: *Notícia histórica do Corpo Militar Académico de Coimbra (1808-1811)*.

(4) Nascera em 1781 e começara os seus estudos em 1799. Saiu, depois, do conselho não sei para onde.

(5) Havia lutas, várias vezes, entre os médicos e os cirurgiões de onde veio a idéia da criação de um partido de cirurgia cuja última tentativa, de Abril a Julho de 1805, não deu resultado (*Desembargo do Paço: Beira*, massô 389, n.º 28793, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo). Em 1824, renovou-se a proposta e foi, realmente, criado o partido.



As curvas inferiores indicam a média da mortalidade, no mesmo período de Março a Julho, nos anos de 1807 a 1810; as superiores, o aumento causado pela epidemia.

século de existência⁽¹⁾, exercido, desde 1807 por José Pereira Gomes, pessoa bemquista no concelho, a avaliar pelas funções que exerceu. Tinha, porém, um competidor no colega Teotónio José da Fonseca e Brito, natural de Alvares e que há muito se fixara em Miranda; êste, ao contrário do outro, era homem de vida acidentada, pouco modelar e, nas questões do médico Passos com a Câmara, parece que tomou o partido daquele contra esta.

Havia ainda um Hospital...

Pobre Hospital! Velha instituição que vinha do século XVI⁽²⁾, anexa à Confraria da Senhora do Rosário, servia também de Albergaria para viandantes e para «prover os pobres miseráveis que trazem carta de guia de sua pobreza»⁽³⁾; mas nos últimos quarenta anos parece que pouco utilizada seria e o seu pequeno edificio soffreria certo abandono e conseqüente ruína a avaliar pelo silêncio que neste período se nota na documentação que conheço. Assim, a soldadesca de Massena, ao lançar fôgo à parte alta da vila, que lhe foi queimar as portas da entrada, estragou apenas um pouco mais o que já se encontrava arruinado há muito⁽⁴⁾.

Tinha, pois, o concelho, como elementos para combater a epidemia: um médico achacado e, possivelmente, pouco diligente; outro, sem cargo oficial, mas leviano; dois cirurgiões e

(1) Criado por alvará de 15 de Outubro de 1699 com 10:000 réis annuaes (Vide o meu opúsculo *O Partido de Boticário na vila de Miranda do Côrvo (Notas históricas)*, Lisboa 1927).

(2) A lápide quinhentista que ainda existe, em parte comida ou estragada, não parece ser da fundação mas possivelmente comemorativa de qualquer obra de incremento realizada pelo védor Diogo Arnão que viveu na I.ª metade do século. A notícia mais antiga que conheço a seu respeito data de 1574, respeitante a um fôro no lugar do Montoiro (*Livro de registo dos patrimónios de 1574-1575*, fls. 15 v.º-16, no Arquivo da Câmara Eclesiástica de Coimbra).

(3) Assim se dizia em 1721 na *Lista da vila de Miranda e seu distrito feita à ordem do Sr. Dr. Provedôr da Comarca de Coimbra*, no Ms n.º 212 (fundo antigo) da Biblioteca Nacional de Lisboa, fls. 325 v.º

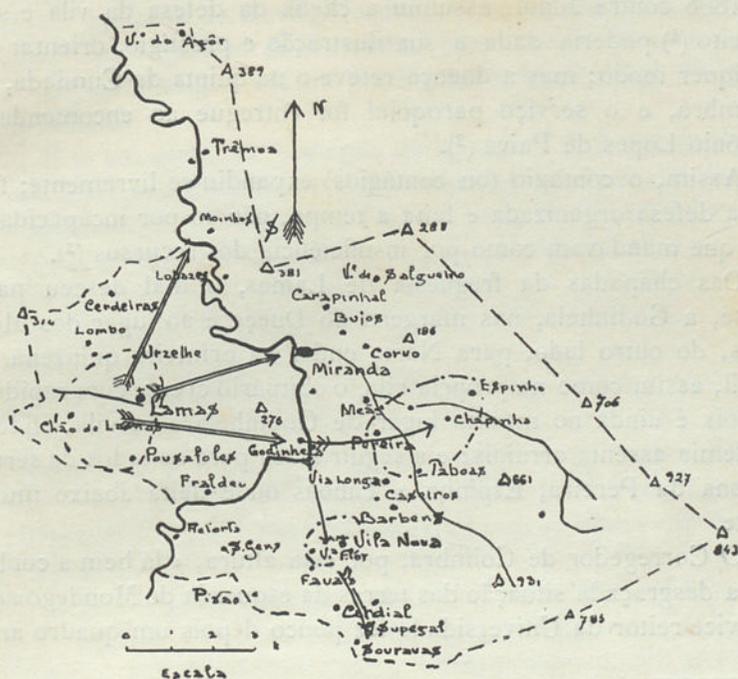
(4) O estrago foi avaliado, ainda assim, em 80:000 réis (*Auto de vistoria a que procedeu a Câmara da vila, etc.* no *Livro de acórdãos de 1815-1820*, a fls. 38 v.º). Êste documento vem publicado na íntegra no meu opúsculo *Subsídios para a história das Invasões francesas*, a pág. 179 e seguintes.



O que resta do Hospital de Miranda do Córvo. À esquerda, entre a porta e a fresta, vê-se a lápide quinhentista.

(Fotografia do autor em 1932).

duas farmácias inimigas; um hospital quasi abandonado; e não sei se ainda era vivo o sangrador aprovado António Joaquim Duarte (1) que teve certa acção na vida da terra.



Concelho de Miranda em 1811. As setas com traços paralelos indicam o primeiro avanço do contágio; as setas de traço simples, o começo do seu alastramento.

Era pouco.

Além disso, as autoridades locais ou seja, na época, a Câmara Municipal, deviam andar bastante preocupadas com muitas outras coisas e, também naturalmente, desorientadas. A vereação de 1810 não dera posse à seguinte porque todos andavam fugidos e só veio a cumprir as formalidades no dia 27 de Março já o contágio andava às soltas. E, verdade verdade, os dois juizes ordinários que assumiram o cargo, eram homens bons, lavradores

(1) Teve carta do officio passado pelo Proto-medicato em 1784 (*Livro de registo de 1783-1785*, fls. 24 v.º no Cartório da Universidade).

do t ermo, mas decerto sem faculdades nem desembaraços para crise de tal agudeza.

Possivelmente, o Prior, o velho monge de S. Jer nimo D. Fr. Belchior de Lemos que, durante o período revolucionário de 1808 contra Junot, assumiu a chefia da defesa da vila e seu distrito (1) poderia dada a sua ilustração e prestígio, orientar de qualquer modo; mas a doença reteve-o na quinta da Cumiada, de Coimbra, e o serviço paroquial foi entregue ao encomendado Ant nio Lopes de Paiva (2).

Assim, o contágio (ou contágios) expandiu-se livremente; faltou a defesa organizada e feita a tempo, não são por incapacidade dos que mandavam como por insuficiência dos recursos (3).

Das chapadas da freguesia de Lamas, o mal desceu para Leste, a Godinhela, nas margens do Duea e ao lugar dos Moinhos, do outro lado, para Norte onde, na primeira quinzena de Abril, assim como na própria vila, o obituário cresce com rapidez. Depois é ainda no mesmo lugar de Godinhela e na vila, onde a epidemia assenta arraiais; e a seguir ataca para os lados da serra, a zona da Pereira, Espinho e T boas onde deita abaixo muita gente.

O Corregedor de Coimbra, por esta altura, «d  bem a conhecer a desgraçada situação das terras da esquerda do Mondego» (4); e o vice-reitor da Universidade f z pouco depois um quadro arri-

(1) Ver o meu opúsculo *Subsídios para a história das Invasões francesas* a pág. 22 e seguintes.

(2) Era do lugar das Means, do concelho, e bacharel em Cânones. Teve o cuidado de fazer o apuramento dos mortos por violência, na freguesia e ainda dos que morreram por doença no período calamitoso do abandono das terras.

(3) No vizinho concelho de Semide o juiz ordinário Manuel José Bento tornou-se notável entre todos os juizes da região de Coimbra pelo seu z lo no combate à epidemia, pelo que o Intendente Geral da Polícia tomou a liberdade de o louvar (*Livro XII das Contas para as diferentes secretarias* já cit. a fls 35-35 v.  ). Êste juiz era homem abastado e parece que com certa influência; foi depois juiz dos órfãos no Couto de Semide e arrematante do rial da água em Miranda. Para compensar o louvor da Intendência, Lino da Assuno chamou-lhe, não sei se com fundamento, «trampolineiro m r daqueles sitios» (*Monjas de Semide*, pág. 109).

(4) Ofício de 24 de Abril do Intendente Geral da Polícia (*Livro XII cit.*, fls. 57).

piante do estado da cidade e dos arredores, solicitando providências para atenuar a calamidade (1).

Mas a calamidade ia alastrando; as terras de Vila Nova e Vila-Flor, indemnes no comêço, foram surpreendidas mêz depois, na 2.^a quinzena de Abril; e a devastação foi grande e contínua e subiu aos logarejos da Serrinha, bem lavada de ares onde, a avaliar pela exigüidade da população, a mortandade foi desproporcionada.

E lá em cima, na freguesia de Lamas, o desbaste manteve-se com mais intensidade até fins de Junho, incidindo nas terras de origem: Lamas, Pousafoles, Urselhe e uns lugarejos juntos dêstes, Lombo e Água do Forno, pobres aglomerados humanos onde a população deveria ficar muito reduzida. Foi a freguesia mais castigada, quer na quantidade de mortos quer no tempo da duração do mal.

Na de Campelo, um pouco mais protegida pelas serras, e de onde os habitantes não saíram certamente, o obituário pouco se ressentiu: nos meados de Abril a curva chega ao máximo para ter outra subida em meados de Maio; mas ficou por aqui, ainda assim, apenas com média quatro vezes maior do que a dos últimos anos.

E por todo o concelho, a pouco e pouco, não houve povoado que não recebesse a visita do flagelo; e como consequência dela surgiu o problema das crianças abandonadas a que era urgente dar destino (2), bem como ao outro das especulações do comércio

(1) Officio de 26 de Junho (já mencionado) para a Câmara de Coimbra. Seria desta época um aparelho de desinfecção apresentado por um professor de Coimbra, Tomé Rodrigues Sobral, mas, naturalmente, a sua aplicação não passou da cidade. (*Breve instrução sobre o uso dos desinfectantes*, fôlha in-4.º, s. l. nem d., de que possuo um exemplar).

(2) O Juiz de fora de Coimbra empregou todos os esforços para recolher os órfãos da região e propor que o sobejo das sisas fôsse aplicado à assistência dêstes desgraçados e «expõe quanto seria útil estender esta providência às vilas de Miranda, Lousã, Penela, Rabaçal... e outras onde os órfãos abandonados à descrição da humanidade são vitimas de um total desamparo e abandono». (Officio da Intendência Geral da Policia, de 5 de Junho, a fls. 133 v.º-137 do *Livro XII* cit. das *Contas*).

devido à natural escassez agrícola que, se não foi das maiores no concelho, fez-se contudo sentir razoavelmente (1).

E não sei se certas queixas gerais contra a ignorância dos cirurgiões, teriam como base alguma referência aos dois práticos mirandenses (2).

* * *

Mas enfim, pelos quadros insertos, se vê, melhor ou pior, o que se passou no período terrível que vai de 15 de Março, altura em que o número de mortes começa a ser superior à média anterior, até 31 de Julho, época em que os registos entram a mencionar o número quasi normal — e digo *quasi* porque, por muito tempo, manteve-se certa mas pequena elevação.

Em números absolutos, a mortandade pode classificar-se assim:

Freguesias	Crianças	Adultos	Total
Miranda do Côrvo	58	284	342
Lamas	44	163	207
Campelo	—	—	59
Total.			608

(1) Já desde 1809 as colheitas na região foram fracas e se pensou em possíveis fornecimentos de géneros feitos pela Inglaterra (Officio de Wellesley para D. Miguel Pereira Forjaz de 27 de Dezembro de 1809, documento, n.º 24, caixa 10, 14.ª secção da 1.ª Divisão do Arquivo Histórico Militar). A carestia acentuou-se em 1810; e neste ano de 1811 sofreram-se as conseqüências dos dois maus anos anteriores. Em todo o caso, em Miranda, os preços ficaram inferiores aos correntes em Coimbra (Officio da Intendência Geral da Polícia, de 24 de Julho, no *Livro XII* já cit., a fls. 264 v.º-266. Cfr. o meu opúsculo *Subsídios para a história das Invasões francesas*, págs. 186-188).

(2) Em 7 de Junho a Intendência da Polícia queixava-se de que «sobre os males que nasceram da invasão aumenta a ignorância dos cirurgiões . . .» *Livro XII* cit., a fls. 145 v.º-147 v.º).

Se contarmos que a média dos quatro anos anteriores era, em igual período de tempo, de:

Miranda do Córvo	20,5 mortes
Lamas	8 »
Campelo	13 »

vê-se que houve um acréscimo sensível ou seja:

Miranda do Córvo	321,5 mortes
Lamas	199 »
Campelo	46 »

Lamas ocupa o primeiro lugar porque a sua população era, ao tempo, segundo atesta o cura Manuel Fernandes, inferior a 900 habitantes ⁽¹⁾; por consequência, o desbaste foi de mais de um quinto, conta redonda, o que é bastante.

Ora tomando para base das outras freguesias o censo que conheço mais próximo desta época, que foi o de 1822 anexo à Lei eleitoral, vê-se que a proporção dos óbitos sôbre o número de habitantes se pode dizer que foi, aproximadamente, de 11 % para todo o concelho; assim como para as freguesias em separado seria, também com aproximação:

Miranda — 4:200 habitantes —	8,1 %
Lamas — 900 »	— 23 »
Campelo — 400 »	— 14,7 »

E se contarmos com as duas freguesias de Semide e Rio-de-Vide, hoje pertencentes ao concelho mas ao tempo a Coimbra e Lousã, vê-se que o mal lá foi ter, embora com menos intensidade.

(¹) «Relação das pessoas que viviam no S. João de 1810 e das que morreram e presentemente vivem» datada aos 17 de Setembro de 1811. (Doc.º do Cabido da Sé de Coimbra, hoje no Arquivo da Universidade). O cura indica que em 1810 viviam 967 pessoas; tirados os 70 assassinados durante a campanha e os que morreram em Coimbra, ficam menos de 900. Este documento serviu depois para a *Breve memória dos estragos causados no Bispado de Coimbra pelo exército francês comandado pelo General Massena* (Lisboa 1812), onde a pág. 13, nota 8, se arredonda a conta, só do contágio, para 300 mortos — o que é demais.

Em Semide, no mesmo período acima apontado, morreram 84 pessoas sôbre a média de 22 nos últimos quatro anos (o que não era já normal, por qualquer motivo que desconheço); e em Rio de Vide caíram 37 sôbre 5,5 anteriores — o que dá a proporção sôbre o número de habitantes:

Semide	4,2 %
Rio de Vide	4,6 »

Se ainda, para melhor elucidação, quisermos ver a proporção sôbre o número total dos mortos das 5 freguesias, nas nove quinzenas, encontra-se:

Miranda do Córvo	46,9 %
Lamas de Miranda	28,5 »
Campelo	8,1 »
Semide	11,5 »
Rio de Vide	5,0 »

Foi realmente mortandade de certo vulto que viria espalhar terror na região, terror que ficou por muito tempo. Eu ainda ouvi a velhos repetir a impressão de sofrimento que essa época deixou, quer pela campanha em si como pelas conseqüências que advieram — conseqüências que não desapareceram logo e de que só muito tarde os pobres mirandenses se viram livres ⁽¹⁾.

Passado mais de ano sôbre a calamidade, a nobreza e povo do Concelho alegavam «o grande contágio que a todos toca» para justificarem uma queixa contra o médico do partido, Passos, já acima referido ⁽²⁾; mas é mais natural que houvesse alguma fôrça

(1) D. Domingos de Sousa Coutinho calculou, depois, que a epidemia em todo o país «devora, d'après le calcul le plus moderé, quatre cent mille âmes de deux sexes» (*La guerre de la Peninsule sous son veritable point de vue*, a pág. 32, ed. de Bruxelles, 1819).

(2) Requerimento da nobreza e povo à Câmara Municipal, apreciado em sessão de 14 de Outubro de 1812 (*Livro dos acórdãos de 1809-1815*, a fls. 69 v.º).

de expressão para carregar no facultativo; pois o obituário não marca subida de relêvo embora não volte tão cêdo à calma anterior a 1810.

Tudo se foi acalmando. A população não teve outro remédio senão esperar que os tempos melhorassem; e que, entregando-se ao consôlo da Providência, os flagelos da guerra, da fome e da peste, fôsem desaparecendo por cançasso de fazer mal.

Coimbra, Dezembro de 1940 a Agôsto de 1941.



INSTITUTO DE HISTÓRIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA



RÓ
MU
LO



CENTRO CIÊNCIAS
UNIVERSIDADE COIMBRA

1329681794

R.

